

RECIFE ÀS ESCURAS: PANORAMA DA REPRESENTAÇÃO DA CAPITAL PERNAMBUCANA NOS CONTOS DE GILVAN LEMOS

Raul da Rocha Colaço¹

Universidade Federal Rural de Pernambuco

Resumo: Tendo como objetivo investigar a representação recifense em contos do escritor Gilvan Lemos, este estudo desenvolveu-se a partir da análise de um *corpus* de sete livros que dão conta das suas narrativas curtas. Com o aporte teórico de Auerbach (1976), Candido (1998) e Cruz (1994), compreendeu-se a natureza dessa representação, exposta, aqui, de forma panorâmica. Desse modo, pode-se apontar que a capital pernambucana é representada por meio dos aspectos toponímicos; dos vícios, dos hábitos, das comidas e dos lexemas locais; e, principalmente, das nuances negativas que a circundam.

Palavras-chave: Representação ficcional; Cidade; Recife; Gilvan Lemos; Literatura.

Resumen: Tomando como objetivo la investigación de la representación de la ciudad de Recife en cuentos del escritor Gilvan Lemos, este estudio se desarrolló a partir del análisis de un *corpus* de siete libros que dan cuenta de sus narrativas cortas. A partir de teóricos como Auerbach (1976), Candido (1998) y Cruz (1994), se comprendió la naturaleza de esa representación, expuesta, en este trabajo, de forma panorámica. De esa manera, se puede apuntar que la capital de Pernambuco es representada a través de los aspectos toponímicos; de los vicios, de los hábitos, de las comidas y de los lexemas locales; y, principalmente, de las líneas negativas que la circundan.

Keywords: Representación ficcional; Ciudad; Recife; Gilvan Lemos; Literatura.

1. Este trabalho foi desenvolvido no contexto do Projeto de Pesquisa Representações do Recife na Narrativa de Gilvan Lemos, no qual o bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFRPE) analisa os contos do autor Gilvan Lemos, sob a supervisão do Prof. Dr. Antony Cardoso Bezerra, coordenador do projeto.

A cidade do Recife é representada com recorrência na obra ficcional de Gilvan Lemos (1928-2015). No que diz respeito à narrativa curta, sete são os livros que contêm contos a apresentar a capital de Pernambuco como cenário/ambiente ou, ainda, fator que influencia na diegese. Diante desse quadro, este ensaio visa caracterizar essa representação de forma panorâmica, apontando aspectos toponímicos, vícios, hábitos, comidas típicas e lexemas recifenses, bem como as tonalidades negativas presentes no discurso comum sobre essa cidade. Trata-se de questão ainda não problematizada na esfera da Crítica Literária e se espera, com tal iniciativa, abrir caminhos que tornem possíveis estudos que se voltem à obra do autor pernambucano.²

Para se alcançarem os ditos propósitos, em primeiro lugar, leram-se os livros do *corpus* [*Os que se foram lutando* (1976), *Morte ao invasor* (1984), *A inocente farsa da vingança* (1991), *Onde dormem os sonhos* (2003), *Largo da alegria* (2003), *A era dos besouros* (2006) e *Na rua Padre Silva* (2007)] e fez-se uma recensão (resumo do argumento do texto literário seguido de apontamentos que caracterizem a representação do Recife naquela narrativa) para selecionar apenas os contos em que a capital pernambucana estivesse presente, findando num total de quarenta contos. A partir desse tratamento, foram úteis instrumentais relativos à Filologia, à Narratologia e à Teoria Literária, que serviram de base para a apreciação do *corpus*. Nessa perspectiva, ressalta-se a postura descritiva deste trabalho, que tem por ambição expor, de forma mais geral, a representação ficcional do Recife na pena de Lemos, em suas diversas nuances.

2. Nas investigações relativas ao primeiro ano da pesquisa, com vistas à elaboração de uma Bibliografia Passiva Comentada, só foram encontrados sete trabalhos acadêmicos que se dedicam a analisar a prosa literária de Gilvan Lemos. No que engloba a abordagem específica da ambientação recifense, o quadro composto pela crítica se torna ainda mais restrito. Para maiores informações, consultar o *site* <https://sites.google.com/site/filologiaiberica/bibliografia-passiva-comentada>.

Para iniciar a caracterização, parte-se de um trecho do conto “O fio da vida”, presente no livro *Morte ao invasor*. Laurita, a personagem principal, desloca-se de Bentuna (ficcionalização de S. Bento do Una, terra natal do escritor) para o Recife³, passando a morar com o irmão e a cunhada. Após um tempo, ela decide se mudar para uma pensão onde só habitavam moças:

Não foi difícil encontrar vaga numa pensão só para moças, na Rua do Hospício, ótima, quarto individual, com móveis, preço módico e, sobretudo, pertinho do trabalho. Igreja, socorro médico, cinemas, tudo a dois passos. (LE MOS, 1984, p. 29.)

Nessa passagem, o narrador heterodiegético demonstra a facilidade de se encontrar um lugar “numa pensão só para moças”⁴ no centro da cidade. Em acréscimo, destaca sua localização, pois, justamente por ser estabelecida no centro, era próxima a tudo, além de ser bem organizada e oferecer um baixo preço, acessível ao salário que a jovem ganhava como caixa da farmácia. É importante destacar a referência à “Rua do Hospício”, processo recorrente na narrativa de Lemos, em que se situa o leitor nas ruas recifenses. Prosseguindo no mesmo conto, vai-se a outro trecho:

Aos domingos assistia missa na igreja da Praça Maciel Píneiro. Depois da missa aproveitava a caminhada, alongava-se até o Parque 13 de Maio, voltando pela Rua da Aurora. À tarde ia à matinê do São Luiz. E passeava. Uma

3. Pode-se marcar a mudança de espaço dos personagens, isto é, o deslocamento do interior à cidade, como um traço bastante regular na prosa de Gilvan Lemos.

4. Em boa parte dos comentários sobre os trechos literários, existem palavras marcadas pelas aspas. Esse destaque foi feito para ressaltar que os termos são do discurso de Gilvan Lemos e não do autor deste trabalho.

vez fora até o cais do porto. Decorava facilmente o nome de todas aquelas ruas. Avenida Rio Branco, Oliveira Lima, Rua Matias de Albuquerque, da Moeda, Duque de Caxias, Livramento, da Praia, da Penha. Gostava de sentar-se no passeio da Ponte Duarte Coelho, do lado da Rua do Sol, e imaginar que os passantes haveriam de julgá-la uma autêntica recifense, bem identificada com sua cidade. Mas as meninas da pensão disseram-lhe que ali era o ‘quem me quer’, lugar escolhido por certas mulheres para se oferecerem aos homens. Depois disso Laurita jamais passou por lá. (LEMOS, 1984, p. 30.)

Nesse excerto, percebem-se os hábitos de Laurita “aos domingos” e todo o percurso que realizava no centro: ia à “missa” numa igreja localizada na “Praça Maciel Pinheiro”, seguia para o “Parque 13 de Maio” e retornava pela “Rua da Aurora”; pela tarde, deslocava-se ao cinema “São Luiz”; e, “uma vez”, caminhou até o “cais do porto”. Com certa facilidade, ela conseguia decorar o nome – novamente Lemos gravita em torno da nomeação – das várias ruas, avenidas e pontes que atravessava (“Avenida Rio Branco, Oliveira Lima, Rua Matias de Albuquerque, da Moeda, Duque de Caxias, Livramento, da Praia, da Penha, Ponte Duarte Coelho e Rua do Sol”). Como era do interior, a moça acreditava que, ao sentar-se num dos bancos perto da Ponte Duarte Coelho, os passantes iriam tomá-la como uma “autêntica recifense”; a ação, entretanto, segundo as “meninas da pensão”, poderia acarretar um efeito não esperado: Laurita ser confundida com uma prostituta, visto que aquele local era utilizado por profissionais dessa categoria. Desse modo, indica-se o contraste entre interior e capital, pois a personagem, apesar de já estar identificada com a cidade grande, ainda possui a pureza da vila, sem se dar conta da malícia contida em certos ambientes urbanos. Logo que lhe é revelada a natureza promíscua do local, Laurita deixa de frequentá-lo.

Percorrendo, ainda, o leito extenso da nomeação, pontua-se a denominação de algumas lojas. O conto “Em casa de vovô”, do livro *Onde dormem os sonhos*, desenrola-se através da relação de Paulinho e seu avô, que, na aparência, demonstra não se importar com o neto, chegando, muitas vezes, à rispidez. Trata-se de comportamento que o homem de idade não cultiva ao encontrar a turma de aposentados (e, também, como se encontra na escrita de Lemos, desocupados), em que se flagra clara mudança aspecto: “Buscava os companheiros num banco da Rua Nova, em frente à Sloper. Em outro se transformava. Gesticulante, verboso, risonho. Paulinho o encontrara assim, uma ocasião em que fora com a avó à Casa das Rendas.” (LEMOS, 2003, p. 38-39.) Na passagem, o avô de Paulinho se encontra com os amigos “em frente à Sloper”, uma antiga loja de artigos femininos, localizada na “Rua Nova”. Como indicado, ao ver os colegas, ele muda de atitudes, torna-se “gesticulante, verboso, risonho”, bem diferente da forma como tratava o menino. Faz-se alusão à Casa das Rendas, uma loja de artefatos de costura. Nas narrativas de Lemos, é comum esse tipo de reunião, composta por idosos e por desempregados, ocorrer num banco da praça ou em frente a uma igreja, por exemplo. No trecho a seguir, do conto “Quem canta os vizinhos espanta”, do mesmo livro, vê-se um outro desses encontros:

Muitas [apostas] podiam ser feitas no local, com testemunhas, dinheiro casado.

— E que me dizem no jogo de domingo, Sport e Santa Cruz, no Arruda?

— No Arrudão? Sou Santa.

— E eu Sport. Vamos lá, quem for Santa vá botando a grana aqui na minha mão. Laporte recolhe as do Leão da Ilha. (LEMOS, 2003, p. 59-60)

Nessa narrativa, o personagem Marcos espera, no início da Ponte Maurício de Nassau, seu amigo Laporte retornar de uma tentativa frustrada de arranjar dinheiro. Como este não conseguiu nada, os dois se dirigem a uma esquina, ponto de encontro de velhos, desocupados, discussões e apostas. Assim, entra-se no trecho: nessa esquina, as pessoas poderiam realizar vários tipos de disputas. No dia em questão, era relativa ao clássico do futebol pernambucano Sport e Santa Cruz, no estádio deste último, o “Arruda”. Novamente, percebe-se a nomeação das agremiações esportivas do Recife, bem como do estádio José do Rego Maciel, conhecido popularmente como Arruda, pelo bairro em que se situa. Além disso, Gilvan Lemos, nas suas narrativas, reforça a inclinação das suas personagens ao jogo: as figuras masculinas estão, muitas vezes, fazendo apostas sobre partidas de futebol, brigas de canários ou de galos.

Seguindo, agora, a trilha dos hábitos recifenses, elege-se um trecho de “Me esbaldo mas descubro o Genibaldo”, de *Os que se foram lutando*. A voz narrativa do conto pertence a um narrador autodiegético, que exprime sua derrocada financeira. Sem dinheiro para conseguir pagar a pensão em que morava, passa a perambular pelas ruas do centro do Recife e a se relacionar com vários tipos sociais. Um deles é um homem idoso, dono de um fiteiro (lexema característico do dialeto recifense). Com o transcorrer do tempo, o protagonista ganha a confiança do velho e, após uma doença, este lhe confia seu negócio. Contudo, apesar do protagonista cuidar bem do idoso, ele rouba para si os ganhos do estabelecimento: “Lucro pequeno, os negócios estão ruins, há muitos fiteiros espalhados por aí (eu mesmo já tenho um, na Rua Nova, aos cuidados dum ex-colega do jogo do bicho).” (LEMOS, 1976, p. 89)

Nesse trecho, o personagem principal do conto discorre acerca dos baixos “lucros” hauridos no fiteiro, uma prestação de contas que realiza para o dono. Entretanto, o que está entre parênteses indica o que não foi relatado ao velho, levando o leitor a compreender, de forma sutil, que

o protagonista está desviando dinheiro, pois já possui um fiteiro na “Rua Nova”. Em acréscimo, deve-se destacar, aqui, o responsável pela administração do novo fiteiro, “um ex-colega do jogo do bicho”, o que deságua na revelação de mais um vício das personagens da capital pernambucana: apostar no jogo do bicho.

Ainda no plano de “Me esbaldo mas descubro o Genibaldo”, um pouco antes do excerto mencionado, o narrador realiza a descrição do fiteiro: “Nas horas vagas eu conversava com o velho do fiteiro de cigarros, um fiteiro bacana, com registradora, balcão e tudo, instalado na porta da casa lotérica.” (LEMOS, 1976, p. 87). Ou seja: mesmo sendo um fiteiro (um negócio simples), o estabelecimento possuía seus requintes, “registradora, balcão e tudo”. Vale ressaltar a recorrência de fiteiros na obra de Lemos: em muitas narrativas, os personagens interagem com esse tipo de negócio, sendo donos ou, simplesmente, fregueses. Esse uso constante do fiteiro, como elemento de pano de fundo, proporciona a ambientação da diegese no Recife, cidade permeada por diversos negócios dessa espécie.

Ao continuar na ambiência do Recife, vai-se em direção às comidas típicas. O conto “Crime mais que perfeito”, encontrado no livro *A inocente farsa da vingança*, é construído por meio da narração autodiegética de um homem que afirma ter cometido um crime. Indignado por ter perdido todo o seu dinheiro em apostas de brigas de canários, depara-se com Abdias, um taxista que, inversamente a ele, obteve sucesso financeiro na sede de canários. Abdias oferece uma carona para o protagonista; este aceita e, ao longo do percurso, planeja a morte do motorista, realizada, em seguida, com êxito exemplar. No entanto, esse crime o atordoa, já que a polícia não o investiga, sendo algo que o deixa mentalmente fragilizado (essa perturbação mental pode ser associada, por exemplo, ao conto “O coração delator”, de Edgar Allan Poe, no qual o protagonista é atormentado pelo barulho ensurdecido das batidas de um coração, o que o leva a confessar

seu crime). Numa dessas alterações psíquicas, o narrador flana no cais do porto, observando as placas dos táxis:

Não tinha o que fazer na rua. Andei pelo cais do porto, sempre com os olhos nas placas dos táxis. Já não tinha esperança de encontrar o TX 3687, mas aquilo era instantâneo, mecânico. Tomei uma cerveja, comi um pacote de amendoim, recusei ovos cozidos, engraxei o sapato. Quando voltei ao apartamento... Porra! Tinha sido arrombado. (LEMOS, 1991, p. 229)

Nesse excerto, o narrador alude ao momento em que bebe “cerveja”, come “amendoim” e recusa os “ovos cozidos”. Essa cena é bastante comum nos bares da capital pernambucana, principalmente nos que se localizam em ambientes abertos (como no cais do porto), onde os vendedores ambulantes circulam livremente oferecendo ovos de codorna e amendoim. Como caracterização recifense no que diz respeito a hábitos alimentares, Gilvan Lemos recorre constantemente, em suas obras, à utilização de lexemas como marisco, goiamum, caranguejo, sarapatel, cozido, caldo de cana, pitanga, caju etc., todos bastante presentes na culinária local.

Em sentido suplementar, no último trecho analisado de “Crime mais que perfeito” (como, de resto, no conto como um todo), percebe-se um outro componente caro à prosa do escritor pernambucano: a violência. Esse tema é assíduo na escrita ficcional do autor, permeando a ampla maioria das narrativas. Nessa diegese, por exemplo, tem-se um protagonista que comete um crime (assassina um taxista) e, pouco depois, esse personagem é vítima de um roubo em seu apartamento. Para elucidar esse o traço da violência com mais detalhes e dar início ao desnudamento do véu, revelando um aspecto negativo do Recife, elege-se um trecho anterior do mesmo conto, em que o protagonista conversa com Abdias dentro do carro:

- Nunca usou uma arma?
- Algumas vezes.
- Não tem uma?
- Não. Nunca precisei.
- Se fosse motorista de táxi como eu, ia precisar. Ora se ia. Não vê as notícias do rádio, dos jornais, da televisão? Um colega meu... (LEMOS, 1991, p. 222)

Nesse excerto, o taxista Abdias pergunta ao personagem principal se ele já houvera utilizado uma “arma” de fogo. O personagem responde afirmativamente e, depois de esclarecer outra pergunta, diz que nunca precisou ter posse de uma. Então, o motorista ilumina o valioso suporte da violência em Lemos: a mídia. Os personagens estão, quase sempre, em contato com a mídia (jornal impresso, rádio e televisão) e é por ela que, várias vezes, chocam-se com a violência. Entretanto, é necessário esclarecer que a violência emerge, também, por si só, isto é, sem qualquer intermediário, como ocorre nesse conto. Outra forma de a violência se materializar é através de boatos e de conversas informais entre os personagens, como no trecho em questão, especificamente na parte “um colega meu...”.

Abrindo, ainda mais, as cortinas escuras dos problemas da capital pernambucana, Gilvan Lemos revela a desorganização da cidade. No conto “Roda, roda, roda”, do livro *Morte ao invasor*, tem-se, novamente, um ponto de encontro de idosos, localizado na frente da Matriz de Santo Antônio. Nesse local, os aposentados, todos os dias, jogavam conversa fora, admiravam as jovens que transitavam por ali e embebiavam-se de saudosismo. Num dado momento, um deles faz a seguinte reclamação:

A administração pública é uma lástima. Exemplo? A cidade que se acanalha. Os ambulantes tomaram conta do centro. Fritam bolinhos, batatas, peixes, pastéis, em

plena rua. Povo maltrapilho, mal-educado, ninguém mais usa paletó, uma gravata. Sem falar nos marginais. Antigamente se podia andar por qualquer logradouro público. Voltava-se para casa a pé, de madrugada, sem nenhum perigo. Hoje, quem se arrisca? (LEMOS, 1984, p. 99)

Logo no início do trecho, faz-se uma crítica à “administração pública”. É por causa dela que a cidade perde seus eixos, pela falta de fiscalização dos “ambulantes” que povoam o “centro” da cidade. Esses vendedores cozinham os alimentos a céu aberto, no meio da “rua”, o que remete à falta de higiene. Além disso, eles andam em farrapos, sem “paletó” ou “gravata” (aqui, Lemos ressalta a mudança de hábitos dos habitantes da cidade — traço recorrente em sua prosa —, isto é, o Recife em mutação, não somente em aspectos físicos, mas culturais: as pessoas passam a usar bermuda e camisa de mangas curtas em detrimento do paletó e da gravata). Em seguida, refere-se à violência “atual” e compara-se o passado com o presente: outrora se andava pela cidade com maior segurança e tranquilidade, retornava-se à “casa a pé, de madrugada”, enquanto “hoje” existe um receio da população em relação a circular pelas ruas à noite, devido à violência existente.

Ainda na esfera da desorganização citadina, contempla-se a um trecho da obra *Era dos besouros*, mais especificamente, do conto “Dias e dias”. Nessa narrativa, o ponto de vista oscila entre a heterodiegese e a autodiegese, através do discurso indireto livre, ao contar a vida monótona do personagem principal em seu lar, no caminho para o trabalho e no trabalho. Inclusive, até nos domingos, o protagonista cumpre uma rotina, também enfadonha para ele: ir à praia. A seguir, registra-se o ponto de ônibus num dia útil, antes de ir trabalhar: “Ponto de ônibus, multidão à espera, confusão para entrar na viatura, não há assentos desocupados, aperto, empurrões, mãos adormecidas nos corrimãos superiores. Reclamações, protestos, maus cheiros”. (LEMOS, 2006, p. 172)

Desse modo, Lemos dá substância à discussão de um elemento bastante caótico da capital pernambucana: o trânsito. Com a má qualidade do transporte público da Região Metropolitana do Recife (RMR), os pontos de ônibus ficam lotados; quando o transporte coletivo chega a esses pontos, não existe uma organização prévia, ou seja, as pessoas, geralmente, correm para subir no ônibus e garantir um assento, o que gera “confusão para entrar”. Essa desordem traz consigo o “aperto” e os “empurrões”, que muitas vezes nem adiantam, pois o ônibus já se encontra lotado. Se não há assento, fica-se de pé, segurando nos “corrimãos superiores”; e, como o trânsito da RMR é muito desorganizado, os passageiros passam horas dentro do ônibus, presos em congestionamentos, chegando a sentir dormência nas mãos. Com tanto alvoroço, surgem as “reclamações” e “protestos”.

A representação do Recife em sua desordem também se configura em outras narrativas. Para se ficar num exemplo, retomando-se o livro *Os que se foram lutando*, vai-se ao conto “A volta do príncipe”. Nele, tem-se a história de um menino, chamado Expedito, que foi abandonado pelos pais. Como não tinha com quem morar, o cego Miranda se aproxima e lhe oferece moradia, no bairro do Zumbi, desde que ele se torne seu guia. Dessa maneira, os dois passam a pedir esmolas nas ruas do Recife. Contudo, o cego era extremamente avaro, gastando o mínimo possível com Expedito, que acaba se cansando. Num dia qualquer, o menino descobre onde Miranda escondia o dinheiro; furta-o, em seguida; inventa um esconderijo no campo de futebol do bairro, enterrando boa parte do achado; e sai pela cidade para gastar a outra parte do dinheiro, indo ao cinema. No entanto, chove torrencialmente enquanto ele assistia ao filme, alagando a capital quase toda, destruindo, assim, o fruto do seu roubo e a possibilidade de melhoria de vida. Ao se analisar a data de publicação da obra, ano de 1976, percebe-se a forte proximidade temporal com a enchente ocorrida no Recife no ano de 1975. Essa cheia, presente também

no conto “Os que se foram lutando”, alagou oitenta por cento da cidade, submergindo várias localidades em mais de um metro e meio de água.

O trecho seguinte elucida um dos momentos em que Expedito e o cego Miranda estavam no centro da cidade agindo como pedintes:

Muitas vezes, guiando o cego Miranda, Expedito dera com Carmona na frente dos Correios, com o filho de Florinda no colo, contando aquela lengalenga. Expedito tinha de reconhecer uma coisa: Carmona trabalhava bem, era uma artista, pois a cavilosa até chorava, pedindo auxílio para o pobre abandonado pelo pai desalmado. (LE MOS, 1976, p. 31)

No excerto acima, Expedito encontra uma moradora do Zumbi, Carmona, em frente ao prédio “dos Correios”. Assim como ele, a mulher também exercia a mendicância: com o filho de outra residente do bairro, Florinda, pedia uns trocados aos transeuntes. Em acréscimo, Carmona possuía um dom especial para a função, “era uma artista”, pois “chorava” e suplicava ajuda para cuidar do suposto filho. É válido salientar que nessa narrativa, bem como em algumas outras, Gilvan Lemos apresenta o centro da cidade como um ambiente povoado de pedintes. No conto “Ponte da Boa Vista”, por exemplo, do mesmo livro, o personagem Vô, já aposentado, roga esmolas para complementar a renda recebida pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Nesse sentido, o autor ilumina a realidade nebulosa e excludente do ambiente metropolitano, que obriga os menos favorecidos a se submeterem à compaixão dos outros para conseguir sustento.

No sentido indicado, pode-se associar a narrativa de Lemos àquilo que Auerbach intitula como “realismo moderno sério” (AUERBACH, 1976, p. 27), isto é, a partir do séc. XIX, os sujeitos do baixo extrato social e os eventos do cotidiano são representados de forma sóbria, sem recorrer, necessariamente, ao tratamento cômico usual na representação literária

anterior. Na prosa de Lemos, percebe-se uma inclinação do tom aos “desvalidos”, àqueles que não têm voz na sociedade: são comuns as figuras do pedreiro, do caixa de farmácia, do dono de fiteiro, do vendedor de caldo de cana, do taxista, do pedinte, do aposentado, do servidor público, do morador da pensão, do malandro etc.

Em outro conto, que dá nome ao livro *Os que se foram lutando*, faz-se alusão à mesma cheia, a partir da história da família de Zacarias, criador de galos de briga. Em meio à catástrofe, Zacarias tenta salvar seu investimento, obrigando a esposa e os dois filhos a acudir alguns galos enquanto aguardavam o socorro no telhado de casa. O trecho a seguir diz respeito ao início do conto, no qual, através do discurso indireto livre, Zacarias desabafa com o colega Tota:

Zacarias estava só querendo esquecer. Mas aquilo não podia ser verdade. Dizendo, ninguém acreditava. Olha, Tota... Mas você sabe, você viu. Casas? As que permaneceram de pé mostravam apenas o telhado. Lugar onde a gente jurava que nunca haveria de ser encoberto. Tudo. Tinha canto que parecia uma cachoeira. Um rio, Tota, o Amazonas. A força duma pororoca arrastando cavalo, boi, porco, jumento. Até gente arrastando. Vi um defunto amarelo, inchado, passar na correnteza. Eu dizia é mentira, meu Deus, não estou vendo não. E o resto do mundo? Será que o mundo está se acabando? (LEMOS, 1976, p. 15.)

No excerto acima, o personagem Zacarias se encontra num bar, buscando “esquecer” o trauma que a enchente lhe causou. Essa calamidade destruiu casas (as que escaparam foram submersas até “o telhado”) e deixou “tudo” “encoberto” de água, chegando a arrastar animais pesados e pessoas.

Apesar de catástrofes dessa magnitude terem sido praticamente extintas no Recife, depois das medidas tomadas na época pelo governo,

a cidade ainda sofre com as chuvas e os alagamentos gerados por elas, embora numa proporção bem menor a 1975. Uma das prováveis causas atuais dos alagamentos da metrópole é a poluição da cidade e, também, dos seus rios. Gilvan Lemos denuncia esse quadro no conto “Orozimbo”, do livro *Na rua Padre Silva*. Na narrativa, Zimbo, um barqueiro que transportava as pessoas de uma margem à outra do Rio Capibaribe, rememora seu passado, particularmente a época em que sua esposa era viva. Imerso nessas recordações, Zimbo lembra a construção da ponte, momento em que o barqueiro perde seu emprego, passando a viver de biscates. A seguir, Zimbo se encontra envolto em saudades da limpeza do rio:

O rio o atraía como saudade, tristeza pelos bons tempos perdidos. Doía-lhe ver o Capibaribe abandonado pelos pescadores, abarrotado de entulhos, sem cor definida, sem aves aquáticas, sem mulheres lavando roupa, sem ninguém tomando banho nele, a não ser um ou outro moleque mais afoito, que com sua bagunceira o emporcalhava ainda mais. Sem falar na lixeira que se formava em seus arredores, montes de lixo onde mulheres, velhos e crianças iam catar as sobras aproveitáveis. (LEMOS, 2007, p. 122)

Nessa passagem, o narrador heterodiegético mergulha nas lembranças do barqueiro em relação ao Rio Capibaribe, numa época perdida em que suas margens eram limpas e frequentadas por “pescadores”, “aves aquáticas”, lavadeiras e banhistas. Além disso, revela-se a poluição recente, que deixa o rio “sem cor definida”, por causa dos “entulhos”, bem como a degradação do seu entorno, que atrai “mulheres, velhos e crianças” pobres, buscando reaproveitar algum alimento ou material.

Nessa vereda, desemboca-se numa crítica à modernização, traço constante e pertinente na escrita literária de Lemos. Considerando-se, ainda, o mesmo conto, Zimbo compara, em quase todos os momentos, o

passado com o presente, e a sua balança pesa sempre mais para o passado, isto é, pode-se afirmar que a modernização não sinaliza progresso, mas uma espécie de retrocesso. Segue mais um trecho:

Zimbo pensava: Enquanto se julgava feliz, veio o progresso e acabou com sua felicidade. Construíram a ponte ligando os dois bairros, Seu Valério encerrou a vacaria, loteou o terreno, fim do transporte pelo barco. Seu Valério, como indenização, lhe dera o barco de presente, mas àquela altura de que ele servia? Quem ia mais pagar passagem tendo a ponte para pedestre gratuita? (LE MOS, 2007, p.122-123.)

Novamente, o narrador expõe os pensamentos do barqueiro, mostrando o quanto o suposto “progresso” pode oprimir o sujeito da arraia-miúda. Com a edificação de uma “ponte” interligando “os dois bairros”, Zimbo perde seu emprego, pois ninguém irá pagar por um serviço se o puder ter gratuitamente. Como forma de “indenização”, Seu Valério doa-lhe a embarcação, que a essa altura de nada serve. Nessa perspectiva, Zimbo se vê obrigado a fazer biscates para sobreviver.

Antonio Candido (1998), no capítulo “Degradação do espaço”, ao falar de Gervaise, personagem principal de *L'assommoir*, romance do escritor francês Émile Zola, aponta a sua queda social ao subir os andares do edifício em que morava:

O casal sai do rés-do-chão e sobe para um aposento do 6.º andar, onde culminam a miséria e a degradação. [...] A subida e descida na escada definira simbolicamente o cortiço como vórtice. O resumo acima mostra que a vida de Gervaise é a história da sua destruição por este vórtice, mas num movimento contraditoriamente cruzado, pois a descida moral e material se exprime pela subida espacial.

Instalada a princípio no nível da rua, voltada para a rua, ela não é absorvida desde logo pela voragem do edifício; fica encostada nele, em sua loja clara e limpa. Perdida a loja, é tragada e se perde no labirinto dos andares superiores, até a toca do 6.º andar, situada nos pés do antro dos Lorilleux. (CANDIDO, 1998, p. 71.)

No livro *Na rua Padre Silva*, ao contrário do romance de Zola, esse declínio social é apresentado de maneira proporcional. A obra é composta por doze contos e cada um deles dá conta de uma família ou casa específica dessa rua. Sendo assim, é perceptível a disposição das casas semelhante a uma rua física do Recife, ou seja, a primeira narrativa apresenta uma casa em melhores condições que as demais e, à medida que percorremos as narrativas (descemos a rua), as residências vão perdendo a qualidade e as famílias vão ficando mais pobres, até findar num mocambo, no caso do conto de Zimbo — o penúltimo —, e “num casebre fora do alinhamento da rua” (LEMOS, 2007, p. 131), do conto “Os esquecidos da rua”, que encerra o livro. Aqui, pela própria arquitetura do livro, dá-se conta sinteticamente dos contrastes da cidade.

Para finalizar, busca-se pauta na declaração de Claudio Cruz (1994), em *Literatura e cidade moderna: Porto Alegre: 1935*, ao falar do romance *A ronda dos anjos sensuais*:

No caso de Reynaldo Moura, também fascinado “pela poesia da metrópole moderna”, ficam somente as luzes na cidade. Este é o motivo pelo qual podemos criticá-lo: não porque ele tenha se encantado pelo lado luminoso da vida moderna, mas porque ele só quis ver e expressar este lado. (CRUZ, 1994, p. 37.)

Na prosa de Gilvan Lemos, encontram-se, usualmente e em sentido inverso ao da obra de Reynaldo Moura, várias nuances negativas tanto em relação à cidade do Recife quanto no que abarca a sua modernização. A capital pernambucana é vista a partir da falta de luz, da sua escuridão, pois o autor dá voz aos personagens da classe menos favorecida; a modernização é tratada como regressão, um progredir no tempo que é vil, que causa mais problemas do que oferece soluções; e a grande árvore citadina é representada a partir dos seus frutos apodrecidos: violência, prostituição, poluição, congestionamentos, má educação, vícios, pobreza, miséria etc.

Referências

AUERBACH, E. *Mimesis: a representação da realidade na Literatura Ocidental*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CANDIDO, A. Degradação do Espaço. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

CRUZ, C. *Literatura e Cidade Moderna: Porto Alegre: 1935*. Porto Alegre: EDIPUCRS; IEL, 1994.

LEMOS, G. *Largo da Alegria*. 3. ed. Recife: Bagaço, 2008.

_____. *Na Rua Padre Silva: novela*. Recife: Nossa Livraria, 2007.

_____. *A Era dos Besouros: contos e novelas*. São Paulo: A Girafa, 2006.

_____. *Onde Dormem os Sonhos*. 3. ed. Recife: Nossa Livraria, 2003.

_____. *A Inocente Farsa da Vingança: novelas e contos*. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.

_____. *Morte ao Invasor: contos*. Recife: Fund. de Cultura Cidade do Recife; Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

_____. *Os que se foram lutando: contos*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

Recebido em: 29/04/15

Aceito em: 24/10/15